

# O Fantástico Coração Subterrâneo

de Diego Fortes

## PRÓLOGO

*Ângela, vestida de aeromoça, passa as instruções de segurança. Antônio entra em cena um pouco depois e realiza os movimentos padrões das instruções de segurança.*

*// - representa o ponto no qual, Antônio passa a falar e sobrepõe a fala de Ângela. Ao terminar, ela espera que ele termine.*

ÂNGELA - Senhores passageiros, pedimos a sua atenção para demonstração do nosso equipamento de emergência. Em caso de despressurização da cabine, máscaras individuais cairão automaticamente dos painéis acima de seus lugares.

//

Neste momento, puxe a máscara mais próxima para liberar o oxigênio, aplique-a sobre o nariz e a boca, ajuste o elástico em volta da cabeça e respire normalmente. Passageiros viajando com crianças ou alguém que necessite de ajuda, lembramos que deverão colocar suas máscaras primeiro para em seguida auxiliá-los. Esta aeronave possui 6 saídas de emergência, observe a indicação dos comissários e identifiquem a saída mais próxima de seu assento. Os cintos deverão estar afivelados sempre que o sinal estiver aceso ou enquanto permanecerem sentados. Recomendamos a leitura das instruções de segurança que se encontram a frente de seus lugares. Observem os avisos luminosos de apertar cintos. Mantenham os encostos das poltronas na posição vertical e suas mesas fechadas e travadas.

ANTÔNIO - // Sim, os objetos que nos cercam gravam nossas histórias. A natureza deste objeto pode dizer muito. O que um determinado objeto “é”? Para quê ele serve? Podemos imaginar muita coisa através da natureza dos objetos que nos cercam. Ao meu redor, eu vejo cadernos repletos de anotações confusas, canetas que desenhavam pequenas manchas azuis na ponta dos meus dedos - como um céu de estrelas em negativo. Queria que isso fosse lírico. É piegas... Ao meu redor, tenho três xícaras com um pequeno resto de café açucarado no fundo. Aquele restinho que não foi bebido a tempo de não esfriar. Vejo fitas K7 etiquetadas com o título “O Fantástico Coração Subterrâneo - ideias

esparsas”. Ao meu redor, eu vejo outras coisas. Coisas que não são minhas. E que por sua própria natureza - e pelo próprio fato de não serem minhas, mas estarem ao meu redor - desenham para o observador um esboço da minha personalidade, onde seria possível inclusive imaginar o que eu pretendo fazer na vida. Pode-se imaginar o que dará certo e o que não. Ao meu redor, vejo duas carteiras de cigarros - uma vazia e a outra pela metade. Nenhum cinzeiro - atente! Muitos casacos jogados por cima do sofá, roupas amassadas, um sutiã, pares de sapato desconstruídos pelo chão. Uma estante de livros organizados em ordem alfabética - os livros são meus! Já entenderam onde isto quer chegar? Não se preocupem em fazer nenhum julgamento. Percebem que não há nenhuma garrafa de bebida? Eu imagino que vocês pensaram: “já passamos pelas ideias desordenadas, pelos cigarros e pela desarrumação das roupas - onde está a garrafa de whisky pela metade?” “Latinhas de cerveja amassadas, de repente?” “Talvez aquelas garrafinhas de scotch em miniatura escondidas dentro de uma gaveta cheia de cliques de papel e canetas sem tampa?” Sinto desapontar, não há bebida. Nem minha nem de ninguém. O que há é xarope pra gripe. Vidros e mais vidros de xarope pra gripe.

ÂNGELA - Lembramos ainda que os assentos de suas poltronas são flutuantes.

## *CENA 01*

*Um banco de praça. Nicolas sentado com uma cara apática. Entra Júlio César descansando de uma caminhada, senta e tenta começar uma conversa com Nicolas.*

JÚLIO CÉSAR - Boa noite.

NICOLAS - Boa noite.

JÚLIO CÉSAR - Tudo bem com você?

NICOLAS (suspira uma risada) Um pouco triste só.

JÚLIO CÉSAR - Aconteceu alguma coisa?

NICOLAS - Meus pais... eles morreram.

JÚLIO CÉSAR - Puxa... eu sinto muito. Eu também já perdi os meus e eu sei que não é fácil... Os dois ao mesmo tempo?

NICOLAS - Acidente aéreo.

JÚLIO CÉSAR - Nossa...

NICOLAS - Faz tempo. Uns dez anos. (pausa) Mas as coisas nunca mais foram as mesmas.

JÚLIO CÉSAR - Tem irmãos?

NICOLAS - Ângela e Vito. Ela é mais velha e ele é mais novo.

JÚLIO CÉSAR - Moram juntos ainda?

NICOLAS - Ainda. Nós ficamos com a casa. É uma casa grande. Meus pais tinham bastante dinheiro, nós vivemos da herança e da indenização.

JÚLIO CÉSAR - Indenização?

NICOLAS - Da companhia aérea.

JÚLIO CÉSAR - Claro. Você trabalha?

NICOLAS - Sim.

JÚLIO CÉSAR - Com o quê?

NICOLAS - Problemas administrativos.

JÚLIO CÉSAR - Você não me parece muito do tipo executivo.

NICOLAS - Não?

JÚLIO CÉSAR - Não.

NICOLAS - E de que tipo eu pareço pra você?

JÚLIO CÉSAR - Eu não quis ofender...

NICOLAS - Não ofendeu.

JÚLIO CÉSAR - Bom, eu já vou indo.

NICOLAS - Pode ficar, eu poderia conversar com alguém.

JÚLIO CÉSAR - Como é?

NICOLAS - O meu irmão. Ele desenvolveu várias manias, sabe? De coisas bem pequenas como guardar o açúcar na geladeira ou deixar uma luz acesa antes de dormir até coisas mais irritantes como medo da morte.

JÚLIO CÉSAR - É comum se ter medo da morte, não é?

NICOLAS - O senhor tem?

JÚLIO CÉSAR - Já tive. Acho que na minha idade, a gente já se acostuma com a idéia.

NICOLAS - Isso é bom.

JÚLIO CÉSAR - Você vai ver.

NICOLAS - Ângela, por outro lado, não pára de fumar. E ficou noiva. O noivo dela agora vive lá em casa...

JÚLIO CÉSAR - A família evoluindo.

NICOLAS - (olha Júlio por um tempo) É difícil ter certeza dessas coisas.

JÚLIO CÉSAR - Talvez. Mas família é sempre uma coisa importante.

NICOLAS - O senhor acha mesmo?

JÚLIO CÉSAR - Claro. A família de um homem é a sua verdadeira casa.

NICOLAS - O senhor já sentiu alguma vez que nada realmente aconteceu? Quero dizer, de uma maneira verdadeira, como alguma coisa que não deveria acontecer, um acidente. Um fato que marcasse a sua vida e a tornasse especial. As coisas acontecem, claro – eu não sei se o senhor entende o que eu quero dizer – as coisas acontecem. Mas porque elas tinham que acontecer. Porque alguém, muito tempo antes de nós nascermos, determinou que aquilo acontecesse. Talvez esse alguém nem soubesse que estava determinando aquilo, mas não é por isso que aquela coisa é um acidente... porque nada realmente acontece – isso faz algum sentido?

JÚLIO CÉSAR - Você está sentindo falta de espontaneidade na sua vida?

NICOLAS - Espontaneidade?

JÚLIO CÉSAR - Como se o acaso interviesse na sua vida com mais ênfase.

NICOLAS - É. Não sei se é isso, mas eu acho que sim. (suspira outra risada) Boa conversa.

JÚLIO CÉSAR - Você se chama?

NICOLAS - Nicolas.

JÚLIO CÉSAR - Prazer, Nicolas. Eu me chamo...

NICOLAS - Júlio César.

JÚLIO CÉSAR - Sim. (estranha) Eu não sabia que era tão famoso.

NICOLAS - Não é. Eu trabalho pra alguém que conhece o senhor.

JÚLIO CÉSAR - Ah, é? Quem?

NICOLAS - O senhor não tem medo de andar na rua tão tarde?

JÚLIO CÉSAR - Eu gosto de caminhar à noite.

NICOLAS - Toda terça e quinta.

JÚLIO CÉSAR - Você também?

NICOLAS - Não, eu não.

JÚLIO CÉSAR - (desconfiado) Por que essa pergunta?

NICOLAS - A rua tá cheia de pessoas perigosas.

JÚLIO CÉSAR - Bom, eu prefiro não pensar muito nisso.

(Nicolas dá dois tiros em Júlio, ele morre)

NICOLAS - Bom, talvez o senhor devesse.

## *CENA 02*

ANTÔNIO - Cheguei.

ÂNGELA - Comprou o absorvente que eu te pedi?

ANTÔNIO - Aquele que você me pediu não tinha, eu comprei um outro.

ÂNGELA - Onde tá?

ANTÔNIO - Tá aqui.

ÂNGELA - Esse eu não gosto muito. Tudo bem, depois eu desço lá na farmácia e compro outro.

ANTÔNIO - Alguém ligou?

ÂNGELA - A sua mãe.

ANTÔNIO - O que que ela queria?

ÂNGELA - Falar com você.

ANTÔNIO - Ah. Você deu comida pro gato?

ÂNGELA - A gente não tem gato.

ANTÔNIO - Não?

ÂNGELA - Não.

ANTÔNIO - Pensei que a gente tinha. Minha vó tinha muitos gatos. Ela era muito sozinha. Eu achei que tivesse visto um gato aqui.

ÂNGELA - Não tem nada aqui.

ANTÔNIO - Que pena.

ÂNGELA - Pois é.

ANTÔNIO - O que que a gente vai comer?

ÂNGELA - Você.

ANTÔNIO - Eu?

ÂNGELA - Eu vou comer você!

ANTÔNIO - Agora?

ÂNGELA - Por quê? Você não quer?

ANTÔNIO - Não, quero, quero sim.

ÂNGELA - Só deixa eu ir no banheiro.

ANTÔNIO - Tá. (deita esparramado e exausto num sofá, pega um telefone e disca) Alô, mãe? Oi, mãe. Você ligou para mim? (pausa) Tudo e você, mãe? Como é que tá o pai? (pausa) Que médico? Aconteceu alguma coisa? (pausa) Ah, bom achei que tinha acontecido alguma coisa. E já pegou os resultados? (pausa) Ah tá. Então tá bom, mãe. (meia pausa) Tá, tá. Me cuida. Tá, um beijo, mãe. Tchau.

*Ela volta sem calças só de camiseta e calcinha.*

ANTÔNIO - Que que a gente vai fazer pra janta?

ÂNGELA - A gente não ia transar?

ANTÔNIO - Achei que você não queria.

ÂNGELA - Eu disse: só deixa eu ir no banheiro.

ANTÔNIO - Ah, então tá bom. (tira a camisa)

*Ela fica em cima dele, começam a se beijar. Param, se separam, mudam de posição, voltam a se beijar. Ele pega nos seios dela como se espremesse uma laranja. Param novamente, ele deita atrás do sofá ela espera ele se posicionar, ela também vai para atrás do sofá, tira a calcinha e a coloca com cuidado em cima do sofá. Apoiada com as mãos no encosto do sofá ela sobe e desce como um pistão. A luz vai baixando, mas não totalmente, até que esteja bastante escuro. Ela apanha a calcinha veste e sai de cena, ele volta a deitar no sofá, esparramado e exausto.*

ANTÔNIO - Que que a gente vai comer?

ÂNGELA - (de fora) Não faço idéia.

### *CENA 03*

VITO - (para o público) Do jeito que eu imagino o céu, sei lá se existe um céu, mas seja o que for que acontece depois que a gente morre, eu acho que lá a gente descobre uma porção de coisas que não teríamos como saber na vida:

- A última vez que ela disse que não te amava mais era mentira.
- Seu pai dizia que amava todos os filhos do mesmo jeito, mas ele preferia a sua irmã por vários motivos, mas principalmente porque ela se parecia muito com a sua vó - que nunca deu um abraço nele. Assim, ele abraçava sua irmã sempre que quisesse.
- Aquele seu amigo metido à intelectual que dizia que o filme favorito dele era Jules et Jim, na verdade gostava mesmo dos filmes do James Bond com o Roger Moore. Aliás, ele era bissexual e tinha uma atração escondida por você.
- Vários números relacionados ao seu aniversário de 15 anos formam os números sorteados da Mega Sena daquela semana:

08 - o dia do seu aniversário.

09 - o mês do seu aniversário (quem pensaria em dois números consecutivos?)

15 - a sua idade.

32 - o número de convidados da festa.

44 - a idade da sua mãe na época.

59 - o número de mortos do acidente aéreo que matou seus pais naquele dia.

Esse é o meu palpite para a dinâmica do céu. Ou seja lá qual for o lugar para onde nós vamos depois que morremos. Não deve demorar muito para que eu descubra...

*Nicolas atravessa o palco andando como se estivesse chegando em casa.*

NICOLAS - Você não está morrendo!

VITO - Você não sabe disso!

NICOLAS - Sei, sim.

*Nicolas sai.*

VITO - Como você poderia saber? Hein? Nicolas! Você não sabe de nada. (volta a falar com o público) Eu tenho uma condição cardíaca. Eu estou morrendo. (toma xarope para gripe direto do vidro)

*Nicolas, de fora.*

NICOLAS - Não está!

VITO - (para o público) Eu estou...

#### *CENA 04*

*Ângela entra com um aparelho de som, vestida com uma roupa de ginástica. Posiciona o aparelho no chão e se alonga. Aperta o play. Toca "Maniac". Ela passa a dançar uma espécie de coreografia. A dança se torna mais e mais frenética e Ângela parece perder o controle. Ela aumenta a intensidade dos movimentos. Passa a chorar, mas sem parar de dançar. Antônio a observa do fundo do palco e escreve num bloco de papel.*

#### *CENA 05*

*Antônio escrevendo.*

ANTÔNIO - O protocolo padrão era: Nicolas receber uma mensagem em branco no seu celular, ir até sua caixa de correio e apanhar um pacote com informações. Nem sempre havia um nome. Nem sempre havia um endereço. As informações do pacote traziam pedaços da rotina de um indivíduo que era investigado ao longo de algumas semanas e cabia a Nicolas planejar a melhor maneira de resolver a coisa. Geralmente, usava a Beretta com silenciador. Dois tiros na altura das costelas verdadeiras - que são os primeiros 7 pares de costelas, próximas ao ombro. Preferencialmente entre a quinta e a sexta costela. Outro truque é pensar na altura do terceiro botão da camisa. Mas, o ideal é atirar em diagonal pelas costas, antes da escápula, pensando na trajetória de uma bala que atravessa a axila esquerda até chegar ao osso esterno. Desta forma, acerta-se na parte vulnerável de um possível colete à prova de balas e atinge-se o coração sem erro. Era o ideal, mas muito raro de acontecer. Nicolas acha que acertar a cabeça é muito tétrico. Desfigura o alvo. Com seu método, as marcas dos tiros ficavam escondidas no funeral. O protocolo seria este.

#### *CENA 06*

*Entram Nicolas e Chantal.*

NICOLAS - Entra.

CHANTAL - Com licença.

NICOLAS - Este é o meu quarto.

CHANTAL - Arram... Você mora sozinho?

NICOLAS - Com meus irmãos.

CHANTAL - Ah...

NICOLAS - E o noivo da minha irmã.

CHANTAL - Arram... É uma casa grande.

NICOLAS - É...

CHANTAL - Você se dá bem com eles?

(pausa)

NICOLAS - Estes são meus livros.

CHANTAL - Arram.

NICOLAS - Você já leu Dylan Thomas?

CHANTAL - Quem?

NICOLAS - É... você quer tomar alguma coisa? Senta.

CHANTAL - Será que dava pra gente acertar? Pra gente ficar mais à vontade...

NICOLAS - Ah, claro.

CHANTAL - Você vai querer a noite toda?

NICOLAS - Sim. Aqui. (dá o dinheiro a ela, ela guarda na bolsa)

CHANTAL - Obrigada. Você tem uísque?

NICOLAS - Atrás de você.

CHANTAL - Você tem uma garrafa no quarto?

(pausa)

NICOLAS - Quer sentar?

CHANTAL - Onde você quer que eu sente? (aproximando-se dele e tirando o casaco)

NICOLAS - Aqui. (ele indica) Como é mesmo o seu nome?

CHANTAL - Chantal.

NICOLAS - Chantal...

CHANTAL - É...

NICOLAS - Chantal, deixa eu te mostrar isso:

(ele lê, ela finge que ouve bebendo o uísque)

E a morte perderá seu domínio

Nus, os mortos irão se confundir

com o homem no vento e a lua do poente

quando seus alvos ossos descarnados se tornarem pó

haverão de brilhar as estrelas em seus pés e cotovelos

Ainda que enlouqueçam, permanecerão lúcidos

Ainda que submersos pelo mar, haverão de ressurgir

Ainda que os amantes se percam, o amor persistirá

E a morte perderá seu domínio.

(ela passa beijar o pescoço dele e passar a mão por seu corpo)

E a morte perderá o seu domínio.

Aqueles que há muito repousam sobre as ondas do mar

não morrerão com a chegada do vento;

ainda que, na roda da tortura, comecem

os tendões a ceder, jamais se partirão;

entre as suas mãos será destruída a fé

e, como unicórnios, virá atravessá-los o sofrimento;

embora sejam divididos eles manterão a sua unidade;

e a morte perderá o seu domínio.

Você tá ouvindo?

CHANTAL - Arram.

NICOLAS - E a morte perderá o seu domínio.

Não hão-de gritar mais as gaivotas aos seus ouvidos

nem as vagas romper tumultuosamente nas praias;

onde se abriu uma flor não poderá nenhuma flor

erguer a sua corola em direção à força das chuvas;

ainda que estejam mortas e loucas, hão de descer

como pregos as suas cabeças pelas margaridas;

é no sol que irrompem até que o sol se extinga,

e a morte perderá o seu domínio.

Não é bonito?

CHANTAL - É estranho...

*Ela baixa a calça dele.*

NICOLAS - Não...

CHANTAL - Não?

NICOLAS - Espera um pouco.

CHANTAL - Tá bom. (ela se levanta e passa a tirar a roupa)

NICOLAS - Você é daqui?

CHANTAL - Eu sou de onde você quiser.

NICOLAS - Eu queria saber mesmo...

CHANTAL - Você não me quer?

NICOLAS - Não, quer dizer, não é isso. Você gosta de ir ao cinema?

CHANTAL - Quem não gosta? Você é romântico, não é?

NICOLAS - O quê?

CHANTAL - Tudo bem. Olha, eu normalmente não faço isso, mas eu posso te beijar na boca se você quiser.

NICOLAS - Eu queria conversar...

CHANTAL - Sobre o quê?

NICOLAS - Não sei...

*Ela tira o sutiã e se aproxima dele.*

CHANTAL - Nossa! (ela ri)

NICOLAS - Desculpe, é o meu telefone.

*Ele vê a mensagem.*

NICOLAS - Você me espera um pouco? Eu preciso pegar uma coisa e já volto.

CHANTAL - Eu não vou sair daqui.

*Ela se deita, depois de pouco tempo começa a dormir. Nicolas saindo de cena, entra Vito.*

VITO - Nicolas, eu não estou me sentindo bem.

NICOLAS - Você não está morrendo. (sai)

VITO - Todos estamos. Tem alguma coisa errada comigo...

*Nicolas volta com um pacote na mão.*

VITO - O que é isso?

NICOLAS - Nada.

*Ele abre o pacote, lê um papel e paralisa. Vito senta no chão gemendo. Nicolas cutuca Chantal.*

NICOLAS - Ei... ei...

CHANTAL - (dormindo) Eu dormi...

NICOLAS - Tudo bem. Viu? Eu preciso sair.

CHANTAL - Tá.

NICOLAS - Quer ficar aqui?

CHANTAL - Posso?

NICOLAS - Sim, sim.

CHANTAL - Então, tá. (se vira e segue dormindo)

*Nicolas veste a jaqueta, apanha a arma e sai.*

CENA 07

VITO - Nicolas!

NICOLAS - Depois, Vito!

VITO - Eu não me sinto bem. (para o público) Eu não me sinto bem. Pode ser uma infinidade de coisas. Dores de cabeça frequentes, náusea, desconforto... Às vezes, eu sinto a ponta dos meus dedos tremerem, apenas a ponta. Há momentos em que eu não me lembro direito de algumas coisas. Memórias da minha infância que eu sinto que me escapam a cada dia. E se for um tumor cerebral? Os tumores cerebrais não apresentam sintomas no início, mas conforme o tumor cresce, crescem o inchaço craniano e a pressão e os sintomas pioram. E podem acarretar em um derrame. Encefalite! Eu procuro ser cuidadoso com pequenos insetos ou carrapatos, mas nunca se sabe. Uma picada de um animal infeccioso pode acontecer a qualquer um, um evento completamente alheio a sua vontade. (passa a se coçar) As pessoas com encefalite não podem ser julgadas por terem sido picadas por animais que não sabem a diferença entre um ser humano e outro. Ou sabem? Será que os insetos têm algum tipo de preferência entre uma pessoa e outra? Os insetos sentem cheiro? Claro que os insetos sentem cheiro! Meu pescoço parece inchado? Será que pescoço sempre teve este diâmetro? Eu deveria medi-lo todos os dias para poder comparar. As pessoas fazem isso? Digo, as pessoas medem o pescoço? Com certeza, medem. É assim que se medem os colarinhos das camisas feitas em alfaiate, não é? Estas pessoas que compram suas camisas em alfaiate sabem o diâmetro de seu pescoço. Sabem milimetricamente o diâmetro dos seus pescoços. Estas pessoas podem se prevenir de uma encefalite. E de mais a mais, se vestem bem. Eu não tenho nenhuma picada de inseto no meu corpo, mas não importa, a picada pode ter ocorrido um mês atrás. A picada já pode ter curado, mas a infecção prospera dentro da minha cabeça e os sintomas vão começar a aparecer. Sintomas como sensibilidade à luz... (espreme os olhos e segue se coçando) Tontura... Febre... Confusão... Confusão... Piscar os olhos excessivamente... Eu pisco meus olhos demais? Qual é a quantidade certa de piscadas que nós devemos dar? Qual é a unidade de medida? Piscadas por minuto? Será que eu pisco demais? Isso pode indicar Síndrome de Tourette. Eu sinto que eu sofro de um déficit de atenção, ansiedade, compulsão, depressão... Embora, o meu linguajar seja apropriado. Quero dizer, apropriado aos

meios que eu frequento. Nunca fui dado à obscenidades. Obscenidades podem gerar todo tipo de doença: sífilis, candidíase, gonorréia, clamídia, tricomoníase, linfogranuloma venéreo, HPV, herpes genital, hepatite B, AIDS... Não há nada mais sujo do que outro ser humano. A mão é mais infecciosa do que o próprio chão. A escrivainha de um escritório chega a ser quatrocentas vezes mais infecciosa do que um assento de banheiro. Um celular, setecentas. Um celular carrega mais bactérias, vírus e infecções do que um sapato... Fora o consequente tumor cerebral por usar um celular... Eu não me sinto bem...

#### *CENA 08*

ANTÔNIO - (escrevendo) Mas Nicolas não seguiu o protocolo. Ao invés disso, foi procurar seu empregador. (corrigindo a si próprio) Não era um empregador, ele estava mais para um intermediador, na verdade. Ele se ocupava de receber os pedidos, fazer um breve relatório sobre o sujeito azarado e passar para Nicolas. Para este serviço relativamente simples, porém não sem riscos, ele recebia 25% de todo faturamento. Nicolas achava um pouco demais, já que o trabalho de Augusto - Augusto era o nome do intermediador - era consideravelmente menor que o dele, que poderia passar semanas investigando um indivíduo. Mas, enfim, nas transições comerciais ilegais não se tem muita margem para negociações e dinheiro não faltava a Nicolas. Então, concordou com a comissão. Nestes anos todos de serviço, as surpresas não foram poucas e enquanto caminhava até o Centro na direção do ponto de encontro com Augusto, Nicolas se recordou do caso de Tibério, que ele conheceu numa locadora de filmes pornô.

*Nicolas está lendo o títulos de DVDs enfileirados em uma prateleira e Tibério, de óculos escuros faz a mesma coisa. Vez ou outra, Nicolas observa Tibério que nota estar sendo observado.*

TIBÉRIO - Tá olhando o quê, cara?

NICOLAS - Nada. Desculpa.

TIBÉRIO - Tá me achando com cara de viado?

NICOLAS - Não, desculpe...

TIBÉRIO - Me achou bonito, bichona?

NICOLAS - Pra falar a verdade, eu queria fazer uma pergunta.

TIBÉRIO - Como é que é?

NICOLAS - Posso fazer uma pergunta?

TIBÉRIO - Que pergunta?

NICOLAS - O senhor já assistiu este daqui?

TIBÉRIO - Qual é esse aí?

NICOLAS - “Putarias na Academia”.

TIBÉRIO - Ah... não, esse eu não vi, não. Muito levinho!

NICOLAS - Levinho?

TIBÉRIO - É, só tem a mesma coisa de sempre.

NICOLAS - Aqui diz que tem masturbação, tem oral, garota com garota...

TIBÉRIO - É, então, o de sempre...

NICOLAS - Tudo isso nos aparelhos de musculação.

TIBÉRIO - Pois é, esses caras fazem esses filmes e não sabem nada. Colocam esses fortão comendo as guria. Que que eu quero com fortão, porra?

NICOLAS - Acho que é para as mulheres...

TIBÉRIO - Você tá vendo alguma mulher aqui?

NICOLAS - (olha em volta) Não tem mais ninguém aqui, aliás. E esse?

TIBÉRIO - Qual é esse?

NICOLAS - “Universidade do prazer”.

TIBÉRIO - Deixa eu ver... Ah, esse tem umas lesbiquinhas se chupando, dando pro professor. Igual à tudo o que você já viu!

NICOLAS - Mas tem uma cena num ginásio com dez meninas e um cara.

TIBÉRIO - É, então, aquela coisa...

NICOLAS - E... bom... o que que o senhor já viu que é diferente por aqui?

TIBÉRIO - Deixa eu achar... Ah, aqui este é muito bom!

NICOLAS - “Anal total”?

TIBÉRIO - É, só tem cena de anal. De quatro, de ladinho, de ponta cabeça, tudo!

NICOLAS - Esse aqui o senhor gostou?

TIBÉRIO - Pra caralho e para de me chamar de senhor!

NICOLAS - Desculpa.

TIBÉRIO - Esse aqui é genial!

NICOLAS - “Fio-terra”?!?

TIBÉRIO - Que foi? Não gostou?

NICOLAS - Não é isso...

TIBÉRIO - Que foi? Acha que isso é coisa de viado?

NICOLAS - Não...

TIBÉRIO - Você que perguntou, cara! Agora tá querendo tirar uma onda com a minha cara?

NICOLAS - Não...

TIBÉRIO - Que que foi então?

NICOLAS - Não, eu gosto dessas coisas. Eu só não sabia que tinha filme...

TIBÉRIO - Ah...

NICOLAS - Eu não acho que isso seja coisa de viado, não.

TIBÉRIO - Viado é quem dá a bunda pra outro cara, sacou?

NICOLAS - Saquei, claro. Com uma mulher qualquer coisa vale, não é?

TIBÉRIO - Que que cê tá insinuando?

NICOLAS - Não tô insinuando nada...

TIBÉRIO - Olha, cara, você é muito estranho! Sai de perto mim!

NICOLAS - Espera, deixa só eu te perguntar outra coisa.

TIBÉRIO - O que?

NICOLAS - E se a gente saísse daqui e fosse num desses hoteizinhos do centro, hein?

TIBÉRIO - Você ficou maluco, cara?!?

NICOLAS - Pra se conhecer melhor. Eu achei que você gostasse de uns rapazes mais novos...

TIBÉRIO - Eu te mato, filho-da-puta!

(Nicolas dá um tiro no joelho de Tibério)

NICOLAS - Hoje não, Tibério.

TIBÉRIO - Quem é você? O que que eu te fiz?

NICOLAS - Pra mim, nada.

TIBÉRIO - Não me mata, cara!

NICOLAS - Dá pra se acalmar?

TIBÉRIO - Então baixa essa arma!

NICOLAS - Ah, não se preocupe, eu sou muito habilidoso com armas.

TIBÉRIO - O que quer que eu tenha feito, eu desfaço, eu paro de fazer...

NICOLAS - Eu não sei o que foi que você fez. Mas dá pra ter uma ideia...

TIBÉRIO - Eu te pago o dobro do que estão te pagando.

NICOLAS - Eu sou bem caro.

TIBÉRIO - Eu pago! Pago o que você quiser!

NICOLAS - Deixa eu te fazer só mais uma pergunta. Eu não devia estar perguntando, mas eu acho que a gente já tem intimidade suficiente. (pausa) Você tem um filho chamado Augusto?

TIBÉRIO - Como é que você sabe?

NICOLAS - Vocês são bem parecidos.

TIBÉRIO - Foi ele quem...?

(Nicolas acerta dois tiros no peito de Tibério)

## *CENA 09*

ÂNGELA - Senhores passageiros, pedimos a sua atenção por um instante. Solicitamos a todos que atentem ao sinal de afivelar os cintos de segurança. A aeronave está passando por uma zona de turbulência. Mantenham seus cintos afivelados enquanto o sinal estiver aceso.

*Vito está sentado com a manga da camisa arregaçada, um médico entra e passa a medir sua pressão. Logo após, ele ausculta seu peito e lhe apalpa o pescoço.*

MÉDICO - Vamos lá. O que que está acontecendo desta vez?

VITO - Eu tenho sentido dores de cabeça.

MÉDICO - São frequentes?

VITO - São. Começam mais ou menos no fim da tarde, seis e trinta e dois, seis e trinta e três...

MÉDICO - E você toma alguma coisa?

VITO - Tomo analgésico.

MÉDICO - E?

VITO - Aí, a dor para.

MÉDICO - Quanto comprimidos você toma.

VITO - Só um.

MÉDICO - Hummm.... Você pode me mostrar onde é que dói?

VITO - Aqui na frente. Nas têmporas.

MÉDICO - Você tem sentido outras coisas?

VITO - Como assim?

MÉDICO - Você tem apresentado outros sintomas?

VITO - Eu sempre vou ao banheiro de manhã, mas esses dias, eu fui no meu horário de sempre e não consegui, sabe?

MÉDICO - Mas você evacuou naquele dia?

VITO - Evacuei. Evacuei, sim. Só que um pouco mais tarde.

MÉDICO - Um pouco quanto?

VITO - Lá por meio-dia e quinze, meio-dia e dezesseis...

MÉDICO - E a tentativa aconteceu que horas?

VITO - Umas dez e vinte e oito, dez e vinte nove...

MÉDICO - Arram... (ele apalpa o pescoço de Vito)

VITO - O doutor está sentindo algo diferente?

MÉDICO - Diferente?

VITO - No meu pescoço, ele está no diâmetro certo?

MÉDICO - Você tem tido algum inchaço?

VITO - Não sei, eu nunca tinha reparado no meu pescoço.

MÉDICO - Você tem tido dificuldade para engolir?

VITO - Não... só quando eu não mastigo direito. E aí eu também tenho um pouco de indigestão.

MÉDICO - Você tem passado por algum estresse ultimamente?

VITO - Não. Quer dizer, normal...

MÉDICO - Você tem saído de casa...? Tem feito alguma coisa diferente?

VITO - Não. Tudo igual. Eu não saio muito. Eu não tenho muitos amigos...

MÉDICO - Uma namorada?

VITO - Não.

MÉDICO - Talvez seja isso.

VITO - O quê? Falta de sexo? É minha próstata? Eu me masturbo!

MÉDICO - Não! Clinicamente, não há nada de errado com você. Mas talvez seja alguma coisa relacionada à tensão.

VITO - Tensão?

MÉDICO - Você ainda mora com seus irmãos?

VITO - Moro, mas nós não nos vemos muito.

MÉDICO - Com quem você mais se identifica?

VITO - Não sei.

MÉDICO - Tem alguém com quem você se identifique?

VITO - Acho que não.

MÉDICO - O que é que você faz pra relaxar?

VITO - Vir aqui.

### *CENA 10*

ANTÔNIO - (escrevendo) No dia em que Vito morreu, Chantal estava dormindo profundamente por ter terminado a garrafa de uísque que Nicolas deixara na noite anterior. Ângela estava na cozinha fazendo um Sudoku nível médio e Antônio, seu noivo, passou pela frente do quarto de Vito onde estava deitado no chão. Primeiro pensou que o cunhado estava apenas se alongando, mas também pensou que ninguém se alonga vestindo um paletó. Assim que percebeu que Vito não possuía pulso, não teve coragem de gritar, posto que não havia nada a ser feito - o corpo de Vito já estava gelado. E calmamente, caminhou até à cozinha e disse à Ângela: “Acho que tem alguma

coisa errada com o Vito...”. Nicolas chegou em casa 17 minutos depois. Todos os corpos que tinha visto anteriormente não o prepararam para ver o corpo de seu irmão caçula no chão do quarto. Os dois irmãos acionaram o serviço funerário de que tinham convênio há já muitos anos e não souberam o que dizer um para o outro. Então, não disseram nada. Nem ao menos fizeram menção ao fato de Vito ter se queixado de sua saúde durante toda sua vida adulta. E tiveram medo de se abraçar. Ângela retomou sua rotina como aeromoça e Nicolas saiu de casa sem lembrar que a prostituta Chantal dormia em sua cama.

## CENA II

*Bárbara está sentada numa mesa lendo um livro. Nicolas vacila, mas acaba sentando a sua frente.*

NICOLAS - Posso me sentar aqui?

BÁRBARA - Você quer se sentar aqui?

NICOLAS - Sim. Posso?

BÁRBARA - Por que você quer se sentar aqui?

NICOLAS - Esta cadeira não está vaga?

BÁRBARA - Tem várias outras cadeiras vagas.

NICOLAS - Mas nenhuma perto de você.

BÁRBARA - Eu estou esperando uma pessoa.

NICOLAS - Seu namorado?

BÁRBARA - Não.

NICOLAS - Namorada?

BÁRBARA - Também não.

NICOLAS - É alguém que você não deveria estar encontrando?

BÁRBARA - Não!

NICOLAS - É uma pessoa imaginária?

BÁRBARA - Nós sempre estamos esperando uma pessoa imaginária, não é mesmo?

NICOLAS - Acho que sim. Posso ser eu?

BÁRBARA - Pode ser você o que?

NICOLAS - Sua pessoa imaginária.

BÁRBARA - Você não é uma pessoa imaginária, você é real.

NICOLAS - Tem certeza?

(ela dá um soco no braço dele)

BÁRBARA - Tenho.

NICOLAS - Isto não prova nada.

BÁRBARA - Ah, não?

NICOLAS - Não, você pode ter imaginado uma pessoa que sente dor quando é socada.

BÁRBARA - Por que eu iria imaginar uma coisa dessas?

NICOLAS - Eu não sei. Se eu sou fruto da sua imaginação, eu só posso saber o que você sabe.

BÁRBARA - Faz sentido.

NICOLAS - Posso me sentar, então?

BÁRBARA - Você já está sentado aí faz tempo.

NICOLAS - Tô te incomodando?

BÁRBARA - Você já não levou um soco?

NICOLAS - Eu não sei o que este soco significa.

BÁRBARA - O que mais um soco pode significar?

NICOLAS - Posso ser uma tentativa tímida de intimidade.

BÁRBARA - Ah, é?

NICOLAS - É.

BÁRBARA - Você é sempre convencido assim?

NICOLAS - Só perto de mulheres bonitas.

BÁRBARA - Por que você me parece familiar?

NICOLAS - Porque eu sou a sua imaginação.

BÁRBARA - Que imaginação pobre que eu tenho...

NICOLAS - Você realmente não se lembra de mim?

BÁRBARA - Deveria?

NICOLAS - Seria educado.

BÁRBARA - Quem é você?

NICOLAS - Nicolas.

BÁRBARA - Que Nicolas?

NICOLAS - Nicolas... Do cinema... Muito tempo atrás...

BÁRBARA - Nós assistimos muitos filmes juntos...

NICOLAS - Filmes violentos.

BÁRBARA - É verdade... Nicolas!

NICOLAS - Bárbara.

BÁRBARA - Como foi que você me encontrou aqui?

NICOLAS - Coincidência.

BÁRBARA - Você vem aqui bastante? Eu venho o tempo todo.

NICOLAS - Não, eu não.

BÁRBARA - Eu nunca mais conheci alguém que gostasse de assistir filmes violentos comigo.

NICOLAS - Sério?

BÁRBARA - Acredita?

NICOLAS - Eu ainda vejo o tempo todo. Quer ir ao cinema?

BÁRBARA - Agora?

NICOLAS - Por que não?

BÁRBARA - Eu disse que estava esperando uma pessoa...

NICOLAS - Mas é mentira.

BÁRBARA - É verdade... Quer dizer, é verdade que é mentira.

NICOLAS - Eu sei. (pausa) Vamos?

BÁRBARA - Assim sem mais nem menos?

NICOLAS - Você não pode?

BÁRBARA - Posso, mas...

NICOLAS - Mas o que?

BÁRBARA - Não sei.

NICOLAS - Aposto que você não teria imaginado isso.

## CENA 12

*Antônio está em sua escrivaninha conversando com Chantal que está sentada em cima da escrivaninha.*

ANTÔNIO - Há coisas que não precisam ser ditas.

CHANTAL - Que bobagem...

ANTÔNIO - Você não concorda?

CHANTAL - Acho que nós deveríamos dizer tudo o que pudermos e para o que não pudermos dizer, temos que inventar palavras. Porque esta é uma maneira, mesmo que falha, para que tudo não se perca no esquecimento.

ANTÔNIO - Eu nunca tinha pensado nisto.

CHANTAL - As palavras carregam memória.

ANTÔNIO - Eu sempre tive esta opinião sobre os objetos.

CHANTAL - Os objetos?

ANTÔNIO - Os objetos são testemunhas da nossa vida.

CHANTAL - Mas os objetos não se importam.

ANTÔNIO - Isso é verdade.

CHANTAL - Eles servem apenas para serem usados. O que é apenas usado não se importa.

ANTÔNIO - Mas carregam marcas.

CHANTAL - As marcas podem enganar...

ANTÔNIO - E as palavras, não?

CHANTAL - É... não tem muito como fugir do engano, não é?

ANTÔNIO - Para mim, os objetos que cercam as pessoas criam uma coleção inconsciente dos nossos desejos. Um museu caótico do nosso cotidiano. Tá aí com você?

CHANTAL - Tá aqui dentro da bolsa. Toma. (ela tira da bolsa uma série de coisas)

ANTÔNIO - Um batom vermelho, um batom escuro, rímel, sombra, o que que é isso? Demaquilante?

CHANTAL - Não, é um hidratante de mãos.

ANTÔNIO - Você tem mãos ressecadas?

CHANTAL - Não...

(pausa)

ANTÔNIO - Uma escova de cabelo, uma escova de dentes, pasta de dente com bicarbonato de sódio...

CHANTAL - Ajuda a manter os dentes brancos.

ANTÔNIO - Pasta de dente de menta... Por que duas?

CHANTAL - A de menta é para trabalho.

ANTÔNIO - Ah... Viu só? Os objetos dizem muito.

CHANTAL - Mas não dizem tudo. Minhas coisas não te contaram que eu já trabalhei em Lisboa, em Madri, em Buenos Aires... Que eu nunca conheci meu pai e que eu sou uma versão menos amarga da minha mãe... Que eu já fui viciada em drogas das quais você nunca ouviu falar, que eu já fui ao inferno e voltei.

ANTÔNIO - Não, não dizem.

CHANTAL - O que você esperava encontrar?

ANTÔNIO - Eu não sei.

CHANTAL - Ou você só queria uma desculpa pra olhar dentro da minha bolsa e ver se eu não roubei nada?

ANTÔNIO - Não...

CHANTAL - Relaxa, eu tô brincando com você.

(pausa)

ANTÔNIO - Como é o seu nome mesmo?

CHANTAL - Chantal.

ANTÔNIO - Chantal? (ele anota)

CHANTAL - É. E é o meu nome mesmo!

ANTÔNIO - Você gosta do que você faz?

CHANTAL - Às vezes... Não é assim com qualquer profissão?

ANTÔNIO - Eu acho que sim.

CHANTAL - Eu tenho uma ideia para uma história!

ANTÔNIO - Ah, é?

CHANTAL - É igual à Bela Adormecida. Só que quem dorme não é uma moça, é um homem.

ANTÔNIO - O homem está dormindo?

CHANTAL - É, mas não porque ele foi enfeitado. Ele dorme porque é a única coisa que ele sabe fazer. Ele mora numa torre alta, mas nunca olha pela janela. Dorme por séculos. A poeira se acumula em cima dele. Até que um dia... Um dia, não. Uma noite. Uma noite é melhor. Uma noite uma princesa vai até o alto da torre para acordá-lo com um beijo.

ANTÔNIO - E por que ela faz isso?

CHANTAL - Esta é a parte que eu ainda não inventei. Eu não sei porque ela faz isso... Talvez porque ela acredite que pode salvar o homem... Porque, talvez, ela ache que ele pode mudar estando perto dela...

ANTÔNIO - Você acha que os homens querem ser salvos?

CHANTAL - Você não quer?

### CENA 13

*Bárbara e Nicolas estão deitados semi-nus numa cama de hotel, ele acende um cigarro.*

BÁRBARA - Você não deveria fumar.

NICOLAS - Te incomoda?

BÁRBARA - Incomoda. Além disso, faz mal.

NICOLAS - E essa for a ideia?

BÁRBARA - Que faça mal?

NICOLAS - Ninguém fuma porque faz bem.

BÁRBARA - Ajuda quando a pessoa tem prisão de ventre.

NICOLAS - Viu só? Tudo tem um lado bom.

BÁRBARA - Você tem prisão de ventre?

NICOLAS - Não. Eu fumo bastante.

BÁRBARA - Isso mata.

NICOLAS - Até a água tem efeitos colaterais...

BÁRBARA - E qual é o seu?

NICOLAS - Meu o quê?

BÁRBARA - O seu efeito colateral.

NICOLAS - Eu também mato.

BÁRBARA - Você não sabe que isso é errado?

NICOLAS - Roubar também é.

BÁRBARA - Você rouba?

NICOLAS - Não, mas “não matarás” e “não roubarás” estão colocados juntos nos Dez Mandamentos.

BÁRBARA - Matar é mais sério que roubar.

NICOLAS - Nos Dez Mandamentos não há nenhuma escala de pontos por pecado.

BÁRBARA - Onde você quer chegar?

NICOLAS - Que se um pecado tem o mesmo peso que o outro, então tanto faz.

BÁRBARA - Tanto faz?

NICOLAS - Tanto faz, ou você acha possível atravessar uma vida sem pecado? Até os santos eram pecadores...

BÁRBARA - Você está se comparando aos santos?

NICOLAS - Claro que não! Os santos se arrependem. Olha só, já apaguei o cigarro.

BÁRBARA - Obrigada. (ele veste a calça e a camiseta) Onde você vai?

NICOLAS - Vou ligar para um amigo. Já volto...

#### *CENA 14*

ÂNGELA - Atenção senhores passageiros do voo 2106 com destino a Londres, Heathrow, embarque imediato pelo Portão 5. Última chamada. Repetindo: passageiros do voo 2106 com destino a Londres, Heathrow, embarque imediato pelo Portão 5. Última chamada.

*Nicolas, num telefone público.*

AUGUSTO - Alô?

NICOLAS - Augusto?

AUGUSTO - Nicolas, onde você está?

NICOLAS - Fica quieto e escuta: eu tenho uma boa e uma má notícia pra te dar...

AUGUSTO - Nicolas...

NICOLAS - A boa é que você pode ficar com todo o dinheiro desse último trabalho.

Cem por cento, Augusto!

AUGUSTO - Tudo?

NICOLAS - Tudo. Agora vem a má notícia: eu não quero mais trabalhar neste ramo. Pra mim, acabou. Eu já tenho bastante grana e pelas minhas contas, você também. Bom, se você quiser trabalhar com outro cara, eu não vou me ofender. Mas se você voltar a me procurar, eu te estouro a cabeça.

AUGUSTO - Como é?!?

NICOLAS - Brincadeira. Quer dizer, mais ou menos...

AUGUSTO - Nicolas...

NICOLAS - Nem tente me convencer que eu já me resolvi.

AUGUSTO - Não é isso... Cara, o avião da Ângela caiu no mar.

(pausa)

NICOLAS - Quando?

AUGUSTO - Ontem.

NICOLAS - Já acharam o avião?

AUGUSTO - Ainda não, mas disseram que no ponto do Oceano em que caiu o avião não existe chance de sobreviventes. (pausa) Nicolas?

NICOLAS - Obrigado por me contar.

AUGUSTO - Você precisa de alguma coisa?

NICOLAS - Não me procure mais.

*CENA 15*

*Antônio tem gravador nas mãos e anda de um lado para o outro fazendo anotações esparsas. Chantal o observa assustada.*

ANTÔNIO - Hambúrgueres, filmes, brinquedos, balões, sorrisos de desenhos animados, risadas sem sentido, cores, muitas cores - nada consegue disfarçar o fato de que a vida é triste, de que todos estamos bovinamente caminhando em direção ao fim. Ao esgotamento. Aos restos de nós mesmos... A entropia vem em avalanches... Nada move mais as pessoas do que o medo. Nem a amizade, nem o amor, nem nada de caráter positivo, mas o medo. A força mais poderosa do mundo...

CHANTAL - Vai ficar tudo bem...

#### *CENA 16*

*Nicolas está deitado na cama comendo batatinhas, enquanto Bárbara está sentada assistindo TV.*

BÁRBARA - Pornografia é uma coisa tão engraçada, né?

NICOLAS - Você acha?

BÁRBARA - Acho. Para mim estes filmes não condizem com a verdade...

NICOLAS - Que filme é esse?

BÁRBARA - "Putarias na Academia".

NICOLAS - Hehe...

BÁRBARA - Você já viu?

NICOLAS - O quê?

BÁRBARA - Perguntei se você já viu este filme.

NICOLAS - Não...

BÁRBARA - Você faz sexo sorrindo...

NICOLAS - Faço?

BÁRBARA - Faz. É muito bonito... Eu tinha um namorado que fazia sexo muito sério.

E não olhava na minha cara. Também não gostava que eu olhasse para ele. Ele transava

como se nós estivéssemos compartilhando uma doença que nós não pudéssemos curar...

Por que você não para de comer?

NICOLAS - Eu não sei. Eu tô ansioso, excitado, como se alguma coisa me aguardasse em breve. Eu não consigo dormir, me acalmar. Não consigo me acalmar! Minha respiração está ligeira...

BÁRBARA - Nicolas?

NICOLAS - ã?

BÁRBARA - Você acha que pode existir amor verdadeiro entre pessoas normais?

NICOLAS - Não. Não acho.

(ela sorri)

BÁRBARA - É mentira que eu não me lembrava de você.

NICOLAS - Eu sei.

#### *CENA 17*

*Antônio está sentado com um saco de gelo pressionado contra o olho. Eles estão conversando, mas sem se olharem.*

ÂNGELA - Desculpa...

ANTÔNIO - Tudo bem.

ÂNGELA - Desculpa fazer você achar que eu morri...

ANTÔNIO - Tudo bem.

ÂNGELA - Tudo bem? Como “tudo bem”? Eu morro, volto da morte e você diz “tudo bem”?

ANTÔNIO - Você não morreu de verdade...

ÂNGELA - Mas você não sabia disso!

ANTÔNIO - Na hora, eu sofri bastante, tá? Não sabia o que ia fazer da minha vida, não sabia onde eu iria morar...

ÂNGELA - Essa era a sua maior preocupação?

ANTÔNIO - Não!

ÂNGELA - “Onde você iria morar”?

ANTÔNIO - Deixa eu terminar.

ÂNGELA - Fala.

ANTÔNIO - Não me dê ordens...

ÂNGELA - Ah, cala a boca!

ANTÔNIO - É para eu falar ou para eu calar a boca?

(pausa)

ÂNGELA - Fala!

ANTÔNIO - (suspira) Na hora, eu vi meu mundo cair. O simples pensamento do avião caindo com você dentro dele me fazia perder completamente o controle da minha bexiga...

ÂNGELA - Como é que é?

ANTÔNIO - Eu ia ao banheiro o tempo todo. Não sabia o que fazer, não sabia se eu chorava, se eu me trancava no quarto, se me atirava da janela...

ÂNGELA - ...se saía procurar uma casa nova.

(pausa, ele olha para ela)

ANTÔNIO - Sério mesmo?

ÂNGELA - Continua...

ANTÔNIO - (tira o saco de gelo do olho) Ai...

ÂNGELA - Desculpa ter te socado o olho.

ANTÔNIO - Tudo bem.

ÂNGELA - Foi a única maneira de fazer você me ouvir.

ANTÔNIO - Eu me concentro muito quando eu estou escrevendo.

ÂNGELA - Você só se concentra quando você está escrevendo...

ANTÔNIO - O que você quer dizer com isso?

ÂNGELA - Que você não liga para mais nada além disso.

ANTÔNIO - Isso não é verdade.

ÂNGELA - É, sim. Você é uma pessoa horrível. Morta por dentro.

ANTÔNIO - A morta aqui é você, lembra?

ÂNGELA - Você já me desculpou.

ANTÔNIO - Por que você fez isso?

ÂNGELA - Porque deu certo. A situação era propícia. O avião caiu, ninguém sabia que eu não havia embarcado e eu achei que podia tirar umas férias...

ANTÔNIO - Férias? Do quê?

ÂNGELA - De você. Do trabalho. Da vida.

ANTÔNIO - (ofendido) E foi bom?

ÂNGELA - Foi. Pensei muito sobre muitas coisas. Pensei que eu quero morar em outro lugar. Minha vida está parada aqui. Eu tenho que ir para algum lugar.

ANTÔNIO - Para onde você vai?

ÂNGELA - Ainda não sei, mas algum lugar onde faça sol. E também pensei que eu tenho que mudar de emprego. Acho que aeromoça não é um emprego bom pra mim, sabe?

ANTÔNIO - Sei...

ÂNGELA - Com a história dos meus pais e tudo mais...

ANTÔNIO - Eu já tinha entendido.

ÂNGELA - E acho que nós dois não deveríamos nos casar.

ANTÔNIO - Você acha?

ÂNGELA - Acho.

ANTÔNIO - E por quê?

ÂNGELA - Porque eu não te amo.

ANTÔNIO - Ah!

ÂNGELA - Eu realmente me odeio. E eu percebo agora que a minha atração por você vem do fato de você me odiar ainda mais. Ninguém faz isso tão bem como você. No fundo, você se diz que me ama e sempre volta pra mim porque você acha que eu sou tudo aquilo que você merece. (pausa) Você não reagiu bem à minha morte.

ANTÔNIO - Era para eu reagir bem?

ÂNGELA - Você entendeu.

ANTÔNIO - Isso foi um teste?

ÂNGELA - Não... mas acabou sendo. Eu conheci outra pessoa.

ANTÔNIO - Você conheceu outra pessoa?

ÂNGELA - Eu conheci outra pessoa. Na Tailândia.

ANTÔNIO - Ele é tailandês?

ÂNGELA - Importa?

ANTÔNIO - Acho que não...

ÂNGELA - Não, ele não é tailandês.

(pausa)

ANTÔNIO - Você quer se casar com ele?

ÂNGELA - Não. Nem acho que vá dá certo...

ANTÔNIO - Vocês estão juntos?

ÂNGELA - Na verdade, não. Mas ele me faz rir de vez em quando.

ANTÔNIO - Ah, é?

ÂNGELA - É. Ele tem uma cara engraçada. E quando ele me olha, me faz rir.

ANTÔNIO - Eu não te faço rir?

ÂNGELA - Você não me olha. (pausa) Seus olhos estão tão longe que eu me lembro nem da cor deles.

ANTÔNIO - E agora?

ÂNGELA - Agora eu volto a sumir. Dissolver no ar. Ir pra longe. Pra lugar nenhum. Me perder. Tentar ser tão livre que a liberdade me canse. Ficar tão solta que solidão me desespere. Eu quero voltar a ter medo no lugar de todo este tédio, Antônio! Eu não sei como você consegue... As pessoas criam pesadelos pra viverem neles. Eu não sei como eles conseguem. Tudo o que eu faço agora, tudo o que eu sei fazer é fugir do meu pesadelo. Eu quero que a vida me mate e não outra coisa.

ANTÔNIO - Eu já imaginava que você não estava morta de verdade.

ÂNGELA - Imaginava o caralho...

ANTÔNIO - Achei que você tinha roubado a ideia do seu irmão de voltar da morte.

ÂNGELA - O que?

ANTÔNIO - Você ainda não falou com seu irmão?

*CENA 18*

*Chantal está deitada num sofá da sala, lixando a unha e ouvindo música de um radinho. Vito entra na sala cambaleando com as mãos cobertas de sangue e a roupa completamente suja de terra.*

VITO - Olá?

CHANTAL - Olá! (pausa) Quem é você?

VITO - Quem é você?

CHANTAL - Eu sou Chantal.

VITO - Chantal?

CHANTAL - Porra, todo muito repete o meu nome...

VITO - O quê?

CHANTAL - Nada. Prazer!

VITO - O que você tá fazendo aqui?

CHANTAL - Eu tô morando aqui...

(pausa)

VITO - Meu Deus... Quanto tempo se passou?

CHANTAL - (ela ri) Como assim?

VITO - Você conhece a minha irmã?

CHANTAL - Sua irmã?

VITO - Ângela.

CHANTAL - (solene) Ai, você é irmão da Ângela?

VITO - Sou.

CHANTAL - A aeromoça?

VITO - É.

CHANTAL - Então, como eu te falo isso?

VITO - Isso o que?

CHANTAL - O avião dela caiu no mar... Lá na Tailândia... No mar da Tailândia...

VITO - (ele senta e começa a chorar) Como assim...?

(pausa, Chantal fica aflita com o sofrimento de Vito e passa a chorar também)

CHANTAL - Não chora...

VITO - Quando foi isso?

CHANTAL - Ontem.

VITO - Que dia é hoje?

CHANTAL - Domingo.

VITO - Cadê o Nicolas?

CHANTAL - Não vejo ele desde sexta.

VITO - Você é namorada dele?

CHANTAL - Sou. Quer dizer, mais ou menos. Ou melhor, nós somos amigos. Ele disse que eu podia ficar. Posso ficar?

VITO - Pode...

CHANTAL - Obrigada. Você precisa de alguma coisa?

VITO - ã?

CHANTAL - Você tá todo sujo, machucado...

VITO - Ah... Eu... Eu estava embaixo da terra.

CHANTAL - Fazendo o quê?

VITO - Eu estava morto.

CHANTAL - Como assim?

VITO - Nada... Eu só quero descansar.

(ele deita com a cabeça no colo dela)

### *CENA 19*

BÁRBARA - Eu só quero descansar...

NICOLAS - Não!

BÁRBARA - Nicolas, seja sensato!

NICOLAS - Eu não acredito nisso, por que?

BÁRBARA - Eu já te falei, eu estou doente.

NICOLAS - Quem faz uma coisa dessas?

BÁRBARA - Alguém em desespero.

NICOLAS - Não! Esqueça!

BÁRBARA - Nicolas, eu vou morrer de qualquer jeito...

NICOLAS - Não vai!

BÁRBARA - Eu estou doente...

NICOLAS - O que é que você tem, afinal?

BÁRBARA - Importa?

(pausa)

NICOLAS - Acho que não...

BÁRBARA - Eu não tenho mais tempo...

NICOLAS - Quanto tempo?

BÁRBARA - Muito pouco.

NICOLAS - Muito pouco quanto?

BÁRBARA - Dias! Por enquanto, dói o suficiente. Daqui a muito pouco tempo, vai começar doer pra valer.

NICOLAS - Desde quando você sabe o que eu faço?

BÁRBARA - Desde algum tempo...

NICOLAS - Você me seguiu?

BÁRBARA - Claro. (triste) Para de brigar comigo!

(pausa)

NICOLAS - Por que você não me procurou antes?

BÁRBARA - Não sei... não sei porque que eu esperei tanto. Não sei o que nos segura e nos faz esperar tanto por tanta coisa...

NICOLAS - E se eu te matasse antes de falar com você?

BÁRBARA - Tudo bem. Eu ia saber que era você.

NICOLAS - Eu não faço mais isso.

BÁRBARA - Você vai ter uma crise de consciência logo comigo?

NICOLAS - Chega.

BÁRBARA - Eu paguei antecipado.

NICOLAS - Meu deus...

BÁRBARA - Você é caro, sabia? Nunca achei que morrer seria tão caro...

NICOLAS - Isso não é engraçado!

BÁRBARA - Pense assim: no seu último trabalho, o alvo era o próprio cliente.

NICOLAS - Eu não quero.

BÁRBARA - Eu também não, mas eu aprendi a lidar com a situação.

NICOLAS - Não faça isso!

BÁRBARA - Não faça o quê? Morrer?

NICOLAS - Isso não é engraçado!

BÁRBARA - Todo sistema de pressão precisa de uma válvula de escape.

NICOLAS - Eu não quero mais te abandonar...

BÁRBARA - Não é abandono se você pede.

### *CENA 20*

ANTÔNIO - Nicolas e Bárbara fizeram amor, encomendaram comida chinesa, beberam um vinho argentino do frigobar e se vestiram. Com o rosto encharcado pelo choro, beijou a boca de Bárbara e apertou o gatilho de olhos fechados. O corpo de Bárbara pesou sobre o seu e ele a deitou na cama devagar. Com delicadeza como se não quisesse acordá-la. Os lençóis foram rapidamente tingidos pela explosão de sangue que escapou de seu peito. Quando Nicolas deixou o quarto, mal conseguia andar e teve a sensação de ter matado pela primeira vez. Não a sensação de quando deu cabo de sua primeira vítima, mas algo mais forte e violento do que jamais sentiu. Quase não tinha mais domínio sobre sua bexiga. Pensou em não cumprir sua palavra. Pensou em voltar para casa - da qual, agora, era o único dono -, terminar a garrafa de uísque em seu quarto e estourar seu cérebro com um tiro debaixo do queixo em direção ao topo da cabeça. Foda-se o velório, não vai haver ninguém mesmo... Havia um plano, portanto.

### *EPÍLOGO*

*Nicolas entra em casa, Chantal, Vito e Ângela estão sentados no sofá. Vito segue deitado no colo de Chantal. Nicolas se espanta ao ver os três, passa a chorar e senta no meio deles. Em outro plano, o pai dos três tem um gravador nas mãos e prepara uma mensagem.*

PAI - Meus filhos queridos, hoje é o dia que o Vito chega. Vocês estão com a vó de vocês e estão felizes porque ela fez bolo de chocolate. Eu estou com a sua mãe no hospital. Chove muito no dia de hoje. As ruas estão todas engarrafadas. Um grande evento a chegada do seu irmãozinho. Eu tenho a noção de como foi difícil que tudo isso chegasse a acontecer. De como quase não aconteceu... Eu estou gravando isso na Sala de Espera e as pessoas estão olhando para mim. Querem saber o que eu vou dizer para vocês. Agora que eu disse isso, elas estão disfarçando. Não tem importância, podem ouvir! O que eu quero dizer para vocês, meus filhos, é que eu espero que, nas suas vidas, aconteçam muitas coisas boas. Mas vão acontecer coisas ruins também. A vida tem os bolos de chocolate da sua vó, tem os passeios no parque, os filmes dos fins-de-semana, mas tem a angústia também - disfarçada ou não -, o medo, o medo do medo, a resignação, a morte... Eu e sua mãe talvez possamos faltar... Quase nada ou nada irá acontecer do jeito que você imaginam. Ou esperam. E o mundo vai parecer feio, traiçoeiro, maldito. E é desse jeito que o mundo gira. Mas não se esqueçam que o mundo gira ao contrário também. Um dia após o próximo dia até o fim do tempo memorável. E vai parecer que nada disso faz muito sentido e de fato não faz. O sentido da vida é o sentido que nós damos pra ela. Ela será tão confusa quanto nós. E há algo de bonito nisso tudo. Tem um médico vindo pelo corredor... Que grande coisa é a vida vir sem manual! Assim, nós nunca estaremos errados. O médico apareceu aqui na sala e parece que ele quer falar comigo. Mais uma coisa: não percam tempo mentindo. Quem mente está esperando que o mundo mude até caber na sua mentira. O mundo sempre muda, mas não vale a pena esperar. Vivam vidas extraordinárias porque elas podem acabar a qualquer momento.